

# O Assistente ao Emigrante



Órgão do Sindicato Nacional dos Empregados da Assistência aos Emigrantes em Navios Estrangeiros do Distrito de Lisboa

Redacção e Administração  
— RUA DE S. PAULO, 216-2.º —  
TELEFONE 28605

DIRECTOR: Bernardino dos Santos  
EDITOR: Cesário dos Santos Monteiro  
Propriedade do S. N. E. A. E. N. E.

Composição e impressão:  
CALÇADA DOS CAETANOS, 18  
TELEFONE 21450

## O V Aniversário do Sindicato

No próximo dia 28 do corrente, perfaz cinco anos de existência o nosso Sindicato Nacional.

É uma data evocativa das agruras que a classe sofreu no passado, naquêl remoto tempo em que a profissão se exercia miseravelmente ao sabor da vontade tirana de gente pouco sensível, a contrastar com a presente, em que a classe usufrue direitos, gosando de regalias, dentre as quais salientaremos a de uma distribuição imparcial e honesta do trabalho, em condições que não custam humilhações.

Cinco anos passados a lutar pelo aperfeiçoamento de uma classe e sempre a bem dela, trabalhando denodadamente pelo associado e para o associado, colaborando, como lhe cumpre, na edificação da Grande Obra, cuja defesa a todos é comum — eis o que tem sido a acção deste nosso Sindicato Nacional.

Cinco anos! Parece que foi ontem, quando a colectividade era apenas uma indecisa e nebulosa aspiração de uns poucos, carecendo de tudo, sem nada de valioso além da vontade férrea dêsse grupo de entusiastas!

Quanto caminho andado, quanta conquista obtida, graças à Revolução Nacional — não o esqueçamos, e devidas à acção persistente de um homem: Salazar.

A direcção, a exemplo do que se tem feito nos anos anteriores, e desta vez com mais vontade porque se encontra em terra grande parte dos associados, resolveu organizar uma festa comemorativa da passagem do 5.º aniversário, iniciando já o estudo do programa, que será directamente comunicado aos sócios, logo que esteja completo.

## Reforma de Serviços

No nosso último número focámos com algum desenvolvimento, o problema do pessoal de assistência ao emigrante, sob o aspecto da sua valorização profissional.

Pretendemos com aquêl artigo demonstrar a quem de direito, que o profissional de assistência ao emigrante é um trabalhador marítimo com largas responsabilidades morais, e acabámos por concluir:

- Na necessidade do seu aperfeiçoamento profissional;
- Na urgência de fixar em bases definitivas as condições em que se admitirão novos profissionais;

Com a aplicação da primeira alínea se obteria um melhoramento sensível do valor profissional dos actuais componentes dos quadros.

Com a segunda alínea se pretende, num espírito de previsão que as circunstâncias actuais impõem, formar um núcleo profissional à altura da importância da profissão, pondo a todos (Sindicato, agências, médicos, inspectores, e dirigentes do serviço) a coberto das desagradáveis e deploráveis emergências que ao presente se verificam.

O problema dos serviços de assistência ao emigrante é vasto e profundo mas não tanto que se torne difícil resolvê-lo.

Sabido que a assistência se presta directamente por intermédio de um núcleo de indivíduos actuando junto do emigrante consoante as suas profissões, tudo se resolve obtendo dêsses indivíduos um rendimento de trabalho adquado e rigorosamente enquadrado no instrumento regulamentativo a elaborar.

É, pois, êsse regulamento a primeira coisa a fazer e depois procurar adaptar às suas prescrições os pretendentes a profissional.

Entretanto — como tal documento precisa de longo estudo forçadamente demorado, pois em matéria de assistência ao emigrante tudo está por fazer, e o que está feito carece de inteira reforma, — justo é que se vão fixando e adoptando superiormente, algumas regras que na ocasião oportuna nos não coquem numa situação mais desagradável do que a actual.

Essas regras serão os requisitos que devem possuir os futuros empregados de assistência ao emigrante, e que podem sintetizar-se assim:

Para enfermeiros:

- Cédula marítima;
- Licença militar: (sendo homem);
- Diploma oficial do curso;

(Continua na 3.ª pag.)

## BARRA FORA...

### A velha questão dos «velhos»

Continua sem solução a pretendida reforma dos sócios «velhos» que se arrastam penosamente trabalhando, cumprindo mal, que mais não permite suas cansadas forças, exaustas numa labuta no mar de algumas dezenas de anos.

O processo, informado, estudado, e devidamente documentado, até mesmo com verba destinada encontra-se pendente, crêmos que no Ministério do Interior, pelo que apelamos para o ilustre titular daquêl ministério para a sua resolução.

### Emigração para o Brasil

O Diário de Noticias de 16 do mês passado insere um telegrama do Rio de Janeiro, em que uma alta individualidade pediu ao governo brasileiro que à emigração portuguesa fôsse dada preferência sobre qualquer outra.

Por outras fontes sabemos que no início do próximo ano vai ser intensificada a emigração, tudo levando a crer que muito proximamente os velhos e desconfortantes far-se-hão com maior número de associados, dando rápida saída às escalas de trabalho que vão acusando um aglomeramento que a manter-se traria dificuldades, que esperamos não apareçam.

### Frota brasileira

Lêmos na revista Neptuno que o Lloyd Brasileiro, está activando a substituição da sua frota marítima, por novas unidades mais rápidas e confortáveis, desaparecendo os velhos e desconfortantes navios que traz na carreira Lisboa-Brasil.

Quando êsses navios entrarem ao serviço, é possível que a emigração portuguesa, agora afastada dos brasileiros pelo péssimo tratamento e desconforto que oferecem, voltem a preferi-los.

E, entretanto, nós lembraremos que a navegação brasileira está isenta de matricular pessoal de assistência, isenção que se não explica de forma alguma de há uns cinco anos para cá, e que é urgente revogá-la, não vá mais tarde trazer complicações maiores.

## Temas oportunos

Falamos, hoje em deveres, e começamos por dizer quais eles são nas diversas especialidades que da nossa profissão fazem parte expondo apenas a nossa opinião pessoal que a experiência e o estudo nos convence ser verdadeiro, começando pelos enfermeiros.

O enfermeiro pode ser um bom profissional, e não cumprir com os seus deveres, inteiramente. Nem só aquêle que sabe fazer uma ligadura ou um penso sabe cumprir com a sua obrigação. O bom enfermeiro é aquêle camarada tolerante e amigo, que sabe dar um conselho a outro, que explica ao emigrante a higiene da limpeza para bem da sua saúde e tudo o mais que lhe deve indicar para bem do mesmo; o mau enfermeiro é aquêle que só anda no meio dos colegas da equipe ouvindo d'êste e contar daquêle, batendo à porta do camarote do médico para lhe contar tôdas as novidades, muitas vezes já deturpadas, e menos verdadeiras...

Esse que assim procede, não é bom camarada.

O ajudante de enfermagem dos dois sexos, é logicamente o auxiliar do enfermeiro ou enfermeira, e como tal compete-lhe estar subordinado a este segundo o meu critério, competindo-lhe não só o ir buscar as dietas para os doentes, como fazer a limpeza das enfermarias e farmácia. Muitas vezes o ajudante entende que não havendo doentes nada tem que limpar, daí resultando, com raras exceções, serem mal vistos pelos seus colegas da mesma profissão da nacionalidade do navio, responsabilidade a têm os srs. médicos inspectores, que lhes mandam fazer os tratamentos que as enfermeiras deviam de fazer, e não fazem, algumas por falta de competência, diga-se em abono da verdade e muito embora pareça à primeira vista que não tem importância este facto, dêle tem resultado alguns actos de indisciplina, e mais haverão senão se arripar caminho, e cada um cumpra com o seu dever.

Passaremos agora aos creados dos quais também fazemos parte: são estes profissionais aquêles que mais lidam com o passageiro, pois nem todos os que viajam em 3.ª classe se podem considerar emigrantes, pois há entre elles proprietários, caixeiros viajantes, comerciantes, e outras categorias. É necessário que a creado os saiba servir para bem cumprir o seu lugar.

Está a maioria dos creados

de assistência aos emigrantes apta a bem cumprir os seus deveres? Quasi iamoz dizer que não.

Não é só serviço da mesa e limpeza de camarotes que é a obrigação dum creado, e também nas entradas e saídas dos portos, receber e acompanhar os emigrantes, ajudá-los a transportar a sua bagagem, orientá-los indicando-lhe os seus alojamentos, quantos fazem isso, poucos ou nenhuns! Pois é esse um dever da nossa profissão.

Também temos os nossos direitos, tais como um alojamento, limpo higiénico, para descansarmos o corpo depois dum dia de trabalho.

Se dos creados passarmos às creadas, isso então é um caso mais sério. A maioria delas nunca soube qual a missão que lhe compete desempenhar a bordo, pois que não estando determinado concretamente quais os deveres da creada dos serviços de assistência, varia a obrigação conforme o navio e os dirigentes de bordo.

Nos barcos alemães raro fazem outro trabalho que é uma pequena limpeza da parte da manhã e lavarem os copos ás horas das refeições.

Nos barcos ingleses e franceses, estes principalmente, sobrecarregam-nas com trabalho muitas vezes superior ás suas posses, mandando-as lavar loiça a um tanque dentro duma pequena copa, num pequeno espaço e onde o termometro chega a marcar 42 graus de calor, estando horas seguidas nesse cubículo lavando mais de mil pratos a cada refeição. É trabalho demasiado para uma mulher.

A experiência que temos do serviço aconselha-nos que á creada lhe é dado, fazer todos os trabalhos que digam respeito a senhoras e creanças, tais como tratar da limpeza dos alojamentos das mesmas servir leite e a comida especial que há em todos os barcos só própria para creanças, mas que os filhos dos nossos emigrantes nunca comem por não terem quem lha sirva na hora própria, e depois disso lavarem então os copos, depois das refeições dos emigrantes.

Tôdas estas ordens deviam partir de quem pode e tem autoridade para dar ordens a bordo, pois só assim ellas seriam cumpridas.

Dissemos alguma coisa sobre os deveres do pessoal de assistência mais tarde o diremos sobre os direitos que deviam ter e não têm.

Bernardino dos Santos

## A Secção do Funchal A unificação da classe

Os dias arrastam-se e quanto á resolução do assunto da nossa secção do Funchal, nada.

Há na realidade uma certeza, a qual até certo ponto justifica esta paragem: a ausência de emigração para Curaçao.

É este na verdade o único obice que nos impede de tomar, resoluções.

Entretanto, em todo este embroglio há uma atitude a focar devidamente: a da agência Freitas Martins.

Esta firma tem andado positivamente a brincar ás escondidas connosco.

A resposta da sede da Companhia que representa, segundo Freitas Martins ainda não chegou, mas sabemos que ela já está no Funchal.

A quando da entrega do projecto do acôrdo de trabalho feita pelo nosso enviado ao Funchal, o Sr. José Freitas Martins filho, aceitou-o em princípio, pondo-lhe algumas objecções que seriam discutidas mais tarde.

Agora discute tudo, nega tudo e outras coisas mais...

Só nos resta vêr que a emigração para Curaçao volte a aparecer de surpresa, aproveitando ausências de diversas individualidades para o jogo ser feito mais á vontade...

Nada nos admira, e nada têm de admirar-se o sr. Freitas Martins destas palavras e de outras que se seguirão...

Até ao próximo número.

Sob este titulo publicou o nosso camarada Bernardino dos Santos um interessante artigo no último número d'êste jornal. Nêle se queixava, e com justiça, do alheamento a que os camaradas do Porto se remetiam no momentoso caso da fusão do seu sindicato com o seu congénere de Lisboa. Tal omissão — como muito bem diz o Sr. Bernardino dos Santos — deve ser levada á conta de acanhamento próprio de quem nunca se dirigiu á imprensa, e talvez, de simples comodismo, falta de que, publicamente, aqui me penitencio.

Atravéz da leitura de alguns artigos sobre o assunto, é minha opinião de que os nossos sindicatos de Lisboa e Porto se devem fundir, a-fim-de que, com um trabalho bem equilibrado e forte, os filiados possam colher os frutos das suas dedicações e canseiras. Unindo-nos, implicitamente desaparecerão as dificuldades de hoje e o futuro aparecer-nos-á com todos os beneficios resultantes daquela união.

Voltarei mais vezes ás columnas d'êste jornal, e, agora que expuz o que pensava sobre o assunto, espero que os nossos camaradas do Porto nos transmitam o seu parecer, pró ou contra á ideia da fusão dos dois sindicatos.

Tomé Fernandes Enes  
do Sindicato do Porto

## Escala de Vapores

durante o mês de Dezembro de 1938

### PARA O SUL:

Dias	Vapores	Cais	
4	— General S. Martim . . . . .	Rocha	Toca no Porto
6	— Groix . . . . .	Alcantara	Toca no Porto
7	— Monte Olivia . . . . .	Alcantara	
13	— Almanzora . . . . .	Alcantara	
14	— Cap Norte . . . . .	Alcantara	
14	— Roma . . . . .	Rocha	
19	— Hilari . . . . .	Rocha	Toca no Porto
20	— Highland Brigade . . . . .	Alcantara	
21	— General Artigas . . . . .	Alcantara	Toca no Porto
23	— Lipari . . . . .	Alcantara	Toca no Porto
28	— Monte Pascal . . . . .	Rocha	
30	— Asturias . . . . .	Alcantara	

### PARA O NORTE:

Dias	Vapores	Cais
1	— Hilary . . . . .	Rocha
2	— General Artigas . . . . .	Rocha
2	— Asturias . . . . .	Alcantara
4	— Vulcânia . . . . .	Alcantara
7	— Aurigny . . . . .	Rocha
9	— Monte Pascal . . . . .	Rocha
11	— Highland Monarch . . . . .	Alcantara
15	— Antonio Delfino . . . . .	Rocha
16	— Alcantara . . . . .	Alcantara
18	— Massilia . . . . .	Rocha
18	— Formose . . . . .	Rocha
19	— Anselm . . . . .	Alcantara
23	— Madrid . . . . .	Rocha
29	— General Osório . . . . .	Rocha

# A Caixa de Auxílio Reforma de serviços

A 14 de Novembro completou 4 anos de existência

A Caixa de Auxílio, foi uma feliz iniciativa de há quatro anos, uma organização que ainda não prestou mais do que uma leve amostra do que pode vir a ser no futuro.

Fundada logo após a isenção do pagamento do imposto do desemprêgo concedida em 26 10 1934, a Caixa de Auxílio, tem capitalizado nesses quatro anos uma verba que ascende em fins de Outubro a 48.658\$24!

E' a mais segura garantia do seu futuro e a melhor razão da sua fundação.

A primeira cota para Caixa de Auxílio passou-se em 14 de Novembro de 1934.

Iniciados os seus trabalhos sob a direcção autónoma de corpos gerentes eleitos especialmente, logo após um ano se verificou ser mais prático confiar a sua administração à direcção do Sindicato.

A acção da Caixa de Auxílio tem sido fraca, porque o seu regulamento não permite usar mais largo desenvolvimento em matéria de subsídios.

E não permite porque ele foi elaborado exactamente no sentido de permitir uma capitalização, que permitisse mais tarde, depois de constituído um capital-reserva mais avultado, entrar num período de mais largo e eficiente auxílio.

Não se concebia, pois, um regulamento que permitisse largos subsídios quando no dia em que ele entrou em vigor havia em caixa umas centenas de escudos.

Todavia a Caixa tem distribuído perto de 10 contos de subsídios de doença desde a sua fundação divididos pelos seguintes anos:

1936 . . . . .	1.741\$00
1937 . . . . .	4.036\$50
1938 (Out.) . . . . .	3.014\$50

e em subsídio de funeral:

1936 . . . . .	900\$00
1937 . . . . .	900\$00
1938 . . . . .	1.200\$00

O que não há dúvida é que a Caixa de Auxílio precisa ser remodelada e que os capitais que possui permitem entrar com mais decisão numa modalidade mais activa de auxílio.

Qual será ela?

É assunto para mais profundo estudo, o qual não cabe nesta notícia que apenas serve para recordar aos leitores uma data — a da fundação da Caixa de Auxílio.

(Continuação da 1.ª pág.)

Certificado provando que exerceu a profissão pelo menos durante 2 anos em terra, ou de preferência a bordo:

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Para ajudantes de enfermagem:

Cédula marítima;

Licença militar (sendo homem);

Certificado provando ter trabalhado em consultórios ou enfermarias, pelo menos durante 2 anos;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Além da prova documental careciam de uma prova prática, na presença de um júri composto por um dirigente dos serviços, pelo inspector médico e por um delegado da direcção do Sindicato.

Para criados:

Cédula marítima;

Licença militar (sendo homem);

Certificado das casas onde serviu, sendo preferidos os da navegação nacional filiados no respectivo sindicato;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 35 anos.

Para a admissão teriam de prestar provas práticas de competência profissional, perante um júri constituído como acima se indica para os enfermeiros e ajudantes.

Para cozinheiros:

Cédula marítima;

Licença militar;

Carta de exame da Capitania, com classificação nunca inferior a cozinheiro de 2.ª;

Certificado dos navios ou casas onde trabalhou;

Certificado do registo criminal;

Idade máxima: 40 anos.

Condições comuns:

Saber ler e escrever e exame médico.

Aos que maior número de viagens tivessem feito sempre com nota de «muito bom» comportamento moral; aos que falassem francês, inglês ou alemão, seria dada preferência.

Ha ainda uma condição de primacial importância, sem a qual estas prescrições ficariam incompletas e que seria a de considerar temporária a admissão durante um período de, pelo menos, um ano, tempo que se tornaria suficiente para apurar se os novos profissionais satisfaziam os requisitos de idoneidade moral e de aclimação indispensáveis.

Findo elle entrariam definitivamente nos quadros efectivos, ou seriam rejeitados.

Antes, porém, poderia compensar-se alguns dos profissionais actuais, permitindo-lhes um acesso que reputamos justo, como compensação de mais de uma dezena de anos de trabalho nos serviços de assistência, consistindo na subida de ajudantes de enfermagem a enfermeiros, e de criados a ajudantes de enfermagem, mediante exame.

Eis em síntese as condições que a experiência nos dita como necessárias e imprescindíveis, para a admissão dos novos profissionais.

Poderiam ser já adoptadas superiormente, o que era já uma garantia de que a classe dos empregados da assistência se transformaria num valoroso núcleo de trabalhadores.

Um alvitre

## O Natal dos nossos pobres

Permitam-me os meus colegas que eu pela primeira vez venha para as colunas de *O Assistente* expôr um alvitre que suponho todos patrocinem.

Pensei nêle na última viagem que fiz, madura e repetidamente e porque o acho plausível, aqui o trago à apreciação de todos para que o secundem junto da direcção, que é quem, em última análise, tem que resolver.

O Natal aproxima-se e eu que conheço bem a vida de muitos colegas, lembrei-me que muitos dos nossos há para quem o Natal será uma quadra, não festiva, mas uma quadra de dôr.

Eu sei que há colegas em precário estado, motivado por doenças ou por outras circunstâncias, e o Natal para esses será bem triste, e nós temos que os socorrer para que o seu Natal não seja tão negro.

Mas nós, do nosso bolso, também, infelizmente não estamos em condições de socorrê-los, de auxiliá-los, e então?

Então aqui fica o alvitre:

A direcção procuraria averiguar quais os associados mais necessitados, mas necessitados verdadeiramente, e distribuiriam por eles na véspera do Natal um auxílio constituído em géneros do valor de 50\$00.

Para fazer face a esta despesa, já que nós não a podemos fazer particularmente, alvitro que fôsse a Caixa de Auxílio que fizesse essa despesa, pois como é de Auxílio deve auxiliar nesta quadra os que precisam.

Parece-me que a minha ideia merecerá a aprovação de todos, pelo que agradeço áquelles que com ela concordarem o favor de comunicarem à direcção, a quem vou mandar uma proposta neste sentido.

Está próximo o Natal, e já que elle não pode ser para nós uma quadra de felicidade, vamos, ao menos tentar que elle seja para aquelles colegas mais precisados, igual ao nosso.

António Marques Sousa.

## AVISO

### Aos associados

A fim de serem apostas nas fichas cadastrais para o biénio de 1939/1940, devem todos os associados entregar na secretaria do Sindicato com a maior urgência, uma fotografia tão actualizada quanto possível.

# UMA OBRA GRANDIOSA

## Um Sindicato modelo

Há no Funchal uma organização sindical, que é exemplo do grau de desenvolvimento que pode atingir uma classe, produto eloquente do que se pode conseguir da organização corporativa, quando os homens e as instituições se dispõem a dar-lhes o seu auxílio.

Trata-se do Sindicato Nacional dos Estivadores, Carregadores e Descarregadores Marítimos do Distrito do Funchal, organização composta de cerca de 300 associados.

É qualquer coisa de bom, que nos surpreende, agradavelmente, causando-nos funda admiração, essa obra formidável, pelo que ela representa de esforço e tenacidade, convencendo a todos de que muito pode o homem quando quer ser útil ao seu semelhante.

Graças à amabilidade do Sr. João Teixeira, delegado daquele Sindicato, o impulsor daquela obra, e seu principal realizador, o autor destas linhas, tomou conhecimento dela em todos os seus pormenores.

O Sindicato encontra-se instalado na Rua de Santa Maria, 73, uma rua fronteira ao mar, num edifício de rés do chão e quatro andares, que não é ainda propriedade do Sindicato, mas que é inteiramente ocupado por ele.

### A Cantina

Começemos a visita pelo rés do chão, onde está instalada a cantina e armazém de viveres, apetrechada de todos os géneros. Ao balcão as famílias dos sócios são aviadas por dois caixeiros. O sócio abastece-se de todos os artigos de mercearia, a preços de revenda e de superior qualidade.

Subamos ao primeiro andar, por uma escada ampla, e encontramos o

### Posto médico

Frete ao patamar há uma sala de visitas que dá para o gabinete da direcção e posto médico. Entremos nele. Com o máximo asseio e ordem, prevalecendo o branco, encontramos uma moderna marquezia desmontável, um lavatório hospitalar com ligações directas aos frascos que contém desinfectantes, água simples e filtrada.



A direcção reunida, vendo-se ao lado o delegado Sr. João Teixeira

Ao meio a secretária do médico, branca de neve, com tampo de vidro e à esquerda um amplo armário com material cirúrgico, pensos, toalhas, etc.

Neste posto se fazem todos os pequenos tratamentos a sócios e famílias, para o que existe uma enfermeira permanentemente. O médico privativo comparece diariamente para consultas e tratamentos de mais importância.

### O gabinete da direcção

Saiamos do posto médico e entremos no gabinete da direcção, espaçoso compartimento, que tem contígua uma sala de espera com maples, telefonia, etc.

O gosto e o conforto deste gabinete impõe-se. Mesa de reuniões, secretária do delegado, mesa de máquina, estantes, etc., etc.

### A Secretaria

Voltemos ao patamar, saindo a porta da sala de espera, e damos de frente com a secretaria, onde se alinham três secretárias, estante, cofre, máquina de calcular, etc.

Três empregados desenvolvem uma actividade prodigiosa.

É sabado, e o pagamento das férias faz-se rapidamente, pois é o Sindicato que vai receber pelas agências o serviço prestado pelo pessoal e o paga aos associados, deduzido das cotas, cantina e outros.

Ainda no primeiro andar, há um pequeno corredor que conduz a um jardim, onde os sócios repousam, à sombra de uma parreira monstro, as delicias do clima da Madeira, enquanto esperam a sua vez do recebimento da fêria.

### Barbearia

No segundo andar encontramos uma barbearia, com três cadeiras, grandes espelhos, tudo moderno. Há três empregados que não têm mãos a medir.

O sócio é servido e o custo da barba e corte de cabelo, também lhes é descontado no fim do mês.

### Dormitórios

Também o Sindicato tem dormitórios para os associados que trabalhando de noite, não possam regressar a sua casa por ser longe. Lá encontram dois dormitórios, um no segundo andar e outro no terceiro, no total de 25 camas todas de uma alvura que surpreende, desde os lençóis, coberta, travesseiros, etc.

### A Sala das Sessões

Passamos à sala das sessões que comporta duas centenas de lugares, com quatro janelas, decorada com os retratos das individualidades que ao Sindicato têm dado colaboração.

### Enfermaria

Subindo ao terceiro pavimento entramos na enfermaria, uma sala ampla com quatro camas. Muito sol, muito asseio. Nessa enfermaria ficam os associados doentes, sob a vigilância da enfermeira e do médico, e companhia permanente dos colegas, alimentados e medicados por conta do Sindicato, sem prejuizo do recebimento da sua fêria, que lhe é paga integralmente pelo fundo de doença.

### Escola

No mesmo pavimento se encontra uma aula para instrução primária, com todo o material didáctico, regida por um professor. De dia a aula destina-se aos filhos dos sócios, que a frequentam em número de 30, e de noite é para os associados.

### Grupo desportivo

Como não só de pão vive o homem, o Sindicato também quis proporcionar aos associados o recreio do espírito e o desenvolvimento físico com a criação duma secção desportiva. Lá a encontramos instalada numa sala, com algumas taças ganhadas em competições pelos associados, equipas arrumadas, com uma ordem inexcédível.

### Nota final

Outras regalias dá ainda o Sindicato. No quarto pavimento onde se encontra instalado o contínuo e guarda da noite, com sua família, há uma sala que é oficina de fardamento. Todos os fatos de ganja de trabalho, de um modelo único, são confeccionados no Sindicato e fornecidos aos sócios a preços do custo.

Quando da nossa visita, estava em laboração a oficina, onde há duas máquinas de coser e duas costureiras, e trabalhava-se na confecção de capas de oleado, que vão ser fornecidas a todos os sócios.

O Sindicato dispõe também de uma Caixa de Previdência, que fornece auxílio na doença e reforma de invalidez.

Eis a traços rápidos, o que o Sindicato dos Estivadores e Descarregadores do Funchal é, uma obra modelar, como não conhecemos outra no País.